



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6468 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

A dimensão autoformativa da memória: Narrativas de camponesas e camponeses nos processos de resistência pela terra em Jaguaruana-CE

João Joel de Oliveira Neto - UECE - Universidade Estadual do Ceará

José Ernandi Mendes - UECE - Universidade Estadual do Ceará

André Pereira de Oliveira - UECE - Universidade Estadual do Ceará

**A DIMENSÃO AUTOFORMATIVA DA MEMÓRIA: NARRATIVAS DE CAMPONESAS E CAMPONESES NOS PROCESSOS DE RESISTÊNCIA PELA TERRA EM JAGUARUANA-CE.**

## 1. INTRODUÇÃO

Ao abordar as narrativas de camponesas e camponeses, o presente trabalho toma como compreensão primordial a ideia de que a memória possui uma dimensão autoformativa, isto é, mais que produtores de memórias, os sujeitos são eles próprios, em parte, resultantes dessa operação temporal que é a memória, tendo assim, como objetivo basilar da pesquisa identificar os elementos que compõem tal laboração mnésica, valendo-se de fontes orais (narrativas), coletadas por meio de entrevistas.

A relação dos sujeitos investigados com a memória dos processos de resistência é mediada por seu próprio *estar* no tempo e suas vicissitudes. Leve-se em consideração aí, a diversidade de processos neste *espaço intermediário*, entre o *lembrar* e o *contar*, ou seja, o espaço de fabricação destas narrativas no tempo, pois, como salienta Henri Bergson, *a lembrança se transforma à medida que se atualiza*. (BERGSON, 1999).

Frente a essa artesanaria da memória, a pesquisa interpela as narrativas construídas pelos sujeitos, com fins de perceber em que medida a memória atua em sua dimensão pedagógica. Aqui, a oralidade ganha força, uma vez que *ela não é apenas o veículo de informação, mas também um componente de seu significado* (PORTELLI, 2016, p. 21). Assim, há o entendimento que narrar é significar. É atribuir sentido, não apenas em sua dimensão inteligível, mas no de localizar a coisa narrada dentro de uma panóplia da experiência mnésica.

Ao tomar a narrativa oral destes sujeitos como central na compreensão do processo

investigado, avançamos na compreensão da relação da dimensão subjetiva dos sujeitos com as condições objetivas das quais estes estão inseridas. A leitura de mundo feita por estes sujeitos não é uma leitura ingênua, pelo contrário, é fiada pelo lugar social que estes ocupam, logo, suas narrativas nos dizem muito de seu próprio meio, e de como ele compreende e o entende, pois a narrativa *mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.* (BENJAMIN, 2012, p.221).

## 2. À RESPEITO DESTA PEQUENA ARTESANIA DO SER: NARRATIVAS ORAIS E A (RE)INVENÇÃO DO TEMPO.

O uso de fontes orais é predominante neste trabalho. Por fonte oral, se entende aquela que é constituída por meio da realização de entrevistas que apresentam depoimentos de sujeitos que testemunharam conjunturas, do presente ou do passado (ALBERTI, 2005). As fontes orais ampliam o arcabouço do fazer histórico na medida em que passam a tomar parte de vozes antes inaudíveis à historiografia tradicional, de orientação positivista. Estas fontes, por sua vez, não são a história em si. Elas carregam significados que ajudam o pesquisador a compreender não apenas a forma como o entrevistado vê o mundo, mas também anuncia como este se insere como parte de uma coletividade (SILVEIRA, 2007).

Para o trato com as narrativas orais de camponesas e camponeses, utilizou-se os pressupostos metodológicos assentados por Portelli (2016). *Em História oral como arte da escuta*, o referido autor destaca a singularidade das fontes de natureza oral, dando ênfase no caráter dialógico da construção das ditas fontes, uma vez que estas não são encontradas, mas sim *cocriadas*, através do diálogo entre o sujeito e o pesquisador. Deste modo, a produção de tais fontes é intermediada pelo entrecruzamento de diferentes relações, tais como: pesquisador e sujeito; presente e passado; a memória individual e sua relação com a memória coletiva; escrita do historiador e fonte oral. Na perspectiva de Portelli,

[...] o que faz com que as fontes orais sejam importantes e fascinantes é precisamente o fato de que elas não recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e criam significado através do trabalho de memória e do filtro da linguagem. (PORTELLI, 2016, p. 18).

Assim pensado, é preciso adentrar na compreensão que as fontes orais, mais do que estabelecerem um trato com o passado, são *como algo que acontece no presente* (PORTELLI, 2016, p.19). Deste modo, a pesquisa visa compreender a dimensão *narrativa* destas fontes, entendendo por narrativa aquilo que Walter Benjamin definira como faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 2012, p. 213). Na perspectiva de Catroga, o ato de *rememorar*,

[...] não se limita a evocar o passado; ao contrário, ela deseja transformá-lo, em rodem a ultimar-se o que o tempo deixa sempre inacabado. [...] Por isso, a convocação do acontecido não é escrava da ordenação irreversível, causal ou analógica em relação ao presente. [...] (CATROGA, 2009, p.20)

Narrar é, então, uma forma de se estar no mundo e expressá-lo a partir de algo. No ato de narrar encontramos pistas para compor o universo omnilateral do homem. Através disto, é possível, através da narrativa, perceber como este sujeito percebe, interage, interfere, transforma e diz o seu meio. E é nisto que reside a necessidade de se pensar os processos educacionais informais a partir das narrativas dos sujeitos.

A este modo, cabe ao pesquisador a tarefa de reunir os *rastros*, ou seja, as fontes, de natureza diversa, e articulá-las através de um *fião*, tornando o objeto de pesquisa, assim,

cognoscível. Este trabalho, claro está, apresenta-se em duas dimensões. A primeira é a dimensão *laboral*, o ato de investigar, inclusive nos termos acertados por Marc Bloch, em que ao fazer referência ao historiador, diz-nos que este deve se parecer *com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça* (BLOCH, 2001). Assim deve se portar o pesquisador, a buscar vestígios, mesmo em territórios aparentemente inóspitos e silenciosos, que negam a própria existência dos sujeitos investigados, como no caso do livro *Quotidiano e Poder*<sup>[1]</sup>, e assim, ir de encontro às pistas, às fontes, ou como já dito aqui, aos rastros. Em segundo, é preciso articular a própria dimensão *narrativa*, afim de conferir sentido ao que foi investigado. Assim, o pesquisador se lança a uma nova operação, a de estruturar as fontes em um plano inteligível, de assumir a postura de *narrador*, no sentido manifestado por Walter Benjamin em seu ensaio sobre a obra de Nikolai Leskov, de reclamar a si *a faculdade de intercambiar experiências* (BENJAMIN, 2012, p. 213).

Assim, o pesquisador comporta-se como um *investigador*. Tome-se, a nível exemplificativo, um personagem conhecido da literatura: o investigador pouco convencional *Auguste Dupin*, criado por Edgar Allan Poe. Este denota características que o torna ímpar frente à situações aparentemente irresolutas. Em suas investigações, reside o mérito de se perceber para além do imediato, do *aparente*. Assim, Dupin, ao interessar-se por um conjunto de crimes na Rua Morgue, diz, criticando a ação da polícia parisiense,

Não há método em seus procedimentos, além do método do imediato. Desfilam uma série de medidas que, não raro, são inapropriadas aos seus objetivos [...] Os resultados obtidos muitas vezes, podem até ser surpreendentes, mas, [...] sem uma metodologia de pensamento, pecava amiúde [...] Ser profundo é um risco real. A verdade nem sempre está no fundo do poço. [...] A profundidade está nos vales onde buscamos, e não nos cumes de montanha onde é encontrada. (POE, 2017)

Tomando esse excerto como possibilidade de exercitar uma reflexão acerca do fazer científico, pode-se intuir que a pesquisa movimenta-se antes pelos seus questionamentos, do que por suas possíveis respostas, [...] *a profundidade está nos vales onde buscamos* (POE, 2017), diz o investigador. Mas, que *vales* são esses? Como traduzir tal perspectiva literária em uma pesquisa científica, de cunho acadêmico?

Toda pesquisa deve partir da *pergunta*. Esta indagação pressupõe, então, a existência de um algo que carece de esclarecimento ou que permanece oculto, embora superficialmente exponha-se como algo já dado. Deste modo, não basta saber da existência de uma laranja caída à sombra de uma laranjeira, é preciso saber em que condições esta foi produzida, e quais necessidades e acontecimentos dispostos na realidade compuseram as condições de sua existência ali. Se diz, *os camponeses gostam de lembrar*, e isto soa de imediato como efeito conclusivo de uma questão. Mas, é preciso ter consciência de que não basta deduzir tal afirmação e a tomá-la como finalidade de uma investigação. Ante a tal afirmação, é preciso indagar: *como lembram os camponeses?* O que deve interessar ao pesquisador não é a uniformidade de um processo (deve-se, sobretudo, desconfiar de tal coisa), mas aquilo que se contradiz em sua existência e sua particularidade.

Tomar de imediato, como absoluto, a afirmação de que *os camponeses gostam de lembrar sobre a época em que eram acampados*, é negar a própria profundidade oculta em tal afirmação, a própria contradição que esta carrega. O pesquisador, portanto, deve ser, por tanto paradoxal que seja, *um devoto da dúvida*, um apreciador da pergunta, que movimenta-se pela falta, pela ausência. Ao investigarmos a realidade, devemos tomar seus aspectos específicos, que muitas vezes podem possuir uma centralidade significativa, para além daquilo que o pesquisador *imagina que é central* para os sujeitos, este é um prejuízo que incorre-se quando parte-se de uma afirmação, e não de uma pergunta. Deste modo, nossa pergunta ganha novos pares: *como lembram os camponeses de Jaguaruana de quando eram acampados? Sobretudo, do que eles gostam de lembrar?* E mais, *por que lembrar de algumas coisas e*

*outras não?*

Em campo, na pesquisa, diversos entrevistados, incontáveis vezes, *fogem* àquilo que fora preestabelecido em um roteiro de entrevista oral. Não há mal nisso, e não cabe ao entrevistador interromper, tampouco argumentar: *Nossa, muito interessante! Mas vamos voltar ao assunto!* Tal afirmação, bem como suas derivações, são grotescas e não podem figurar na panóplia do pesquisador. As *fugas* devem ser encaradas pelo pesquisador como uma possibilidade de perceber e averiguar elementos que, até o presente instante, a observação externa e superficial, não havia dado conta. É a isto que o investigador Dupin, de Allan Poe, se referia em seu diálogo com o narrador no trecho anteriormente citado. O pesquisador deve cuidar em embasar suas perguntas e seu roteiro de busca (entrevistas, materiais) não por aquilo que há *nos cumes da montanha*, mas sim pelo *vales*, por vezes escuros, que ele tem de percorrer.

### 3. SOBRE O FAZER: UM PEQUENO ITINERÁRIO DA MEMÓRIA.

Em oralidade, não há narrativa sem memória. A memória está em constante processo de reconstrução e elaboração de significados (PORTELLI, 2016), manifestando-se como uma esfera ativa da produção humana, *aberta à dialética da lembrança e do esquecimento* (NORA, 1993). É, em diálogo de Candau (2019) com Nora (1993), *um enquadramento, [...] que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele* (CANDAU, 2019). Paul Ricoeur, descobre, a partir de Platão, a memória enquanto *representação presente da coisa ausente* (RICOEUR, 2007), ou, nos termos da escritora Toni Morrison, uma sombra, *[...] uma presença marcando a própria ausência* (MORRISON, 2015). Nesta concepção, a memória é ascendida à imagem de uma *sombra*.

Para muitos, esta ausência atrela-se à experiências, de como [...] *era mais fácil a gente participar das lutas, e a gente num perdia uma luta*, assim diz o Sr. Chico Nosso, membro do assentamento Rosa Luxemburgo, em Jaguaruana, interior do estado do Ceará. Para ele, a ausência é manifesta pela saudade em relação à época de acampamento, em que havia maior organicidade quanto à luta. Podemos pensar o porquê desta falta. Assim, a memória aparece como sombra. Esta, em tal caso, reclama para si o direito à lembrança, pois, *o homem conta histórias como protesto à sua finitude* (CATROGA, 2009).

A memória, portanto, é uma expressão fragmentária de um algo ausente, logo, *como tal, es forzosamente una selección* (TODOROV, 1998), dela não podendo prescindir o esquecimento e a recordação. Em Todorov, estas duas categorias, que constituem a operação mnésica, aparecem como parte de um mesmo processo, onde *la memoria no se opone en absoluto al olvido [mas sim, há] uma interacción de ambos* (TODOROV, 1998). Nestes termos é assertivo que a memória [...] *ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada* (CANDAU, 2019).

Proeminente a tais questões, a memória e o ato narrativo nesta pesquisa são apresentados em uma operação que denota, pelo menos, três níveis: **1.** *A dialética mnésica*, em que se impõe o conflito das dimensões da *recordação* e do *esquecimento* no tempo. **2.** *O espaço de interpretação*, em que há a produção das representações mnésicas engajadas à narrativa. **3.** *A transitoriedade narrativa*, em que há a produção da narrativa enquanto fonte histórica, bem como a passagem do *falado* para o *escrito*. Estas dimensões intercalam-se em um processo simbiótico, e são interdependentes.

Entendidos como parte de uma operação, estes níveis não representam um algo estático, pelo contrário, estão em constante atividade operatória. O primeiro nível citado, *a dialética*

*mnésica* envolve a memória tomada a partir da relação entre duas esferas fundantes, a *recordação* e o *esquecimento*. Esta esfera está, portanto, perpassada por esta *imposição temporal* que o tempo presente demanda ao passado. Assumindo tais proposições, Catroga, em diálogo com Dosse, postula que

[...] seja como recordação ou como esquecimento, nunca é o passado que se impõe ao presente, mas é este, enquanto permanente tensão e protensão, que vai urdindo as tonalidades – que podem chegar à patologia – de presença do ausente. (CATROGA, 2009)

Como já outrora dissera Benjamin, a *rememoração* (*Erinnerung*), pelo ato da narrativa, não contenta-se em evocar o passado, mas antes transformá-lo, imprimir neste último a marca do tempo que o reclama (presente). Depreende-se de tal afirmação, que *a convocação do acontecido não é escrava da ordenação irreversível*. (CATROGA, 2009). O passado não é dito por si, ele é reclamado pelo presente, para então as experiências pretéritas ganharem forma (representação) no presente. A memória, nesse sentido, *reconfigura sempre o passado tendo por base as exigências do presente* (ROSSI, 2010).

Na pesquisa científica que ampara-se no uso de fontes orais, esse passado é convocado pelo ato da entrevista. Dialogicamente ligado ao primeiro, este segundo nível também ampara-se em uma relação, entre um espaço de negociação em que o sujeito se inscreve a partir de duas categorias: o *dito* (a coisa narrada) e o *não-dito* (a coisa silenciada). É a partir desta relação, que se forjam as representações mnésicas que se externalizam pelo ato narrativo. A narrativa *ficciona*, ou seja, confere uma forma à coisa rememorada. A fonte oral não é um ato passivo de criação do ser, como o operário na linha produtiva que não possui o controle sobre a coisa produzida, é, antes, recobrando a metáfora benjaminiana, uma obra artesanal, sempre inacabada. Portelli, então, salienta que

[...] o que faz com que as fontes orais sejam importantes e fascinantes é precisamente o fato de que elas não recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e criam significado através do trabalho de memória e do filtro da linguagem. (PORTELLI, 2016)

É exatamente este caráter *vivo* da operação mnésica, que o pesquisador deve aportar sua atenção. Desta observação, emergem questionamentos de certa ordem, tais como: Por que dizer *isto* e não *aquilo*? Ao contar, por que contar *dessa forma* e não de *outra*? O que se *oculta* e o que *se diz*? Assim, povoa-se com uma profundidade singular o trato com a fonte oral, bem como permite alcançar o âmago do *espaço de interpretação*, justamente por visualizar esse nível de elaboração das representações, incidindo na captura dos processos de *negociação*<sup>[2]</sup> que envolvem a memória e a narrativa. Deste modo, o passado, que não se exige por si só, mas antes é convocado pelo presente, expressa uma relação conflituosa, portanto, que demanda *poder*. Acerca disto, Rossi aclara que

O entrelaçamento de memória-esquecimento é muito profundo. Mesmo quando se teorizam rupturas totais e irreparáveis e transformações radicais. Nas situações histórico-culturais em que predominam a cólera e o espírito de rebelião, a exigência de um passado é frequentemente tão forte quanto a que diz respeito ao futuro. (ROSSI, 2010).

Tal pensamento expressa o passado como um ato *inventivo*. Os homens inventam o passado e este, por consequência, os reinventa. Há aqui, uma clara relação entre *memória* e *identidade*, nos termos expressos por Joël Candau. Assim, *a dialética da memória e da identidade* [...] *se conjugam* (CANDAU, 2019), demandam uma à outra como criadoras de uma narrativa, em que ao *final*, *resta apenas o esquecimento* (CANDAU, 2019). Enquanto componente inevitável da formação dos seres humanos, a memória assume uma função de significação e forjadura da experiência e da existência humana.

#### 4. A RESPEITO DE CONCLUSÕES

O trabalho com memória se configura como uma operação que se encontra em constante atualização, sendo o pesquisador parte deste processo, isto é, ele próprio, um *criador* de memórias, de narrativas. O pesquisador se forma e forma a memória quando esta com ele trabalha. O pesquisador constrói significados para estas narrativas a partir do momento que as dispõem em um território, no caso, o científico, e que é distinto de o de sua nascitura.

O pesquisador não paira sobre a memória, pelo contrário, mergulha nela e funde-se em uma hermética simbiose em que não se distingue *coisa* e *criador*. O ser humano produz a memória para significar o mundo e a si próprio, enquanto que, o ato de significação do mundo e do ser humano produz a memória. O ser humano molda a sua existência, conformando-a à memória, no exato limite em que a memória é resultante do processo de moldagem existencial.

#### 5. REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense, 2012.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2001.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2019.
- CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história*. Coimbra, Almedina, 2009.
- DA SILVA DIAS, Maria Odila Leite; BOSI, Ecléa. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- DA SILVA SILVEIRA, Éder. *História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico*. MÉTIS: história & cultura, v. 6, n. 12, 2007.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: Verdadeiro, Falso e Fictício*. São Paulo, Companhia das letras, 2007.
- MORRISON, Toni. *A nossa casa é onde está nosso coração*. Lisboa, Editorial Presença, 2015.
- NORA, Pierre et al. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.
- POE, Edgar Allan. *Edgar Allan Poe: Medo Clássico*. São Paulo, Darkside, 2017.
- PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo, Letra e Voz, 2016.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo, Ed. Unicamp, 2007.
- ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. São Paulo, Ed. UNESP, 2010.

TODOROV, Tzvetan. *Los usos de la memoria*. Santiago de Chile: Museo de la Memoria y los Derechos Humanos, 2013.

**PALAVRAS-CHAVES:** Memória, Narrativa, Camponeses.

---

[1] O livro *Quotidiano e Poder*, de autoria de Maria Odila Leite da Silva Dias, explora a dimensão cotidiana e conflituosa das mulheres pobres em busca de sua sobrevivência, em meados do século XIX, em São Paulo.

[2] A aplicação de tal termo não deve pressupor que tal *negociação* expresse uma relação pacífica, ou mesmo acordada entre as “partes”. Ante a isto, cabe entender esta terminologia como a que consegue sintetizar os processos de conflito, diálogo, fusão, separação, corte e ocultamento que perpassam este nível da operação mnésico-narrativa.